



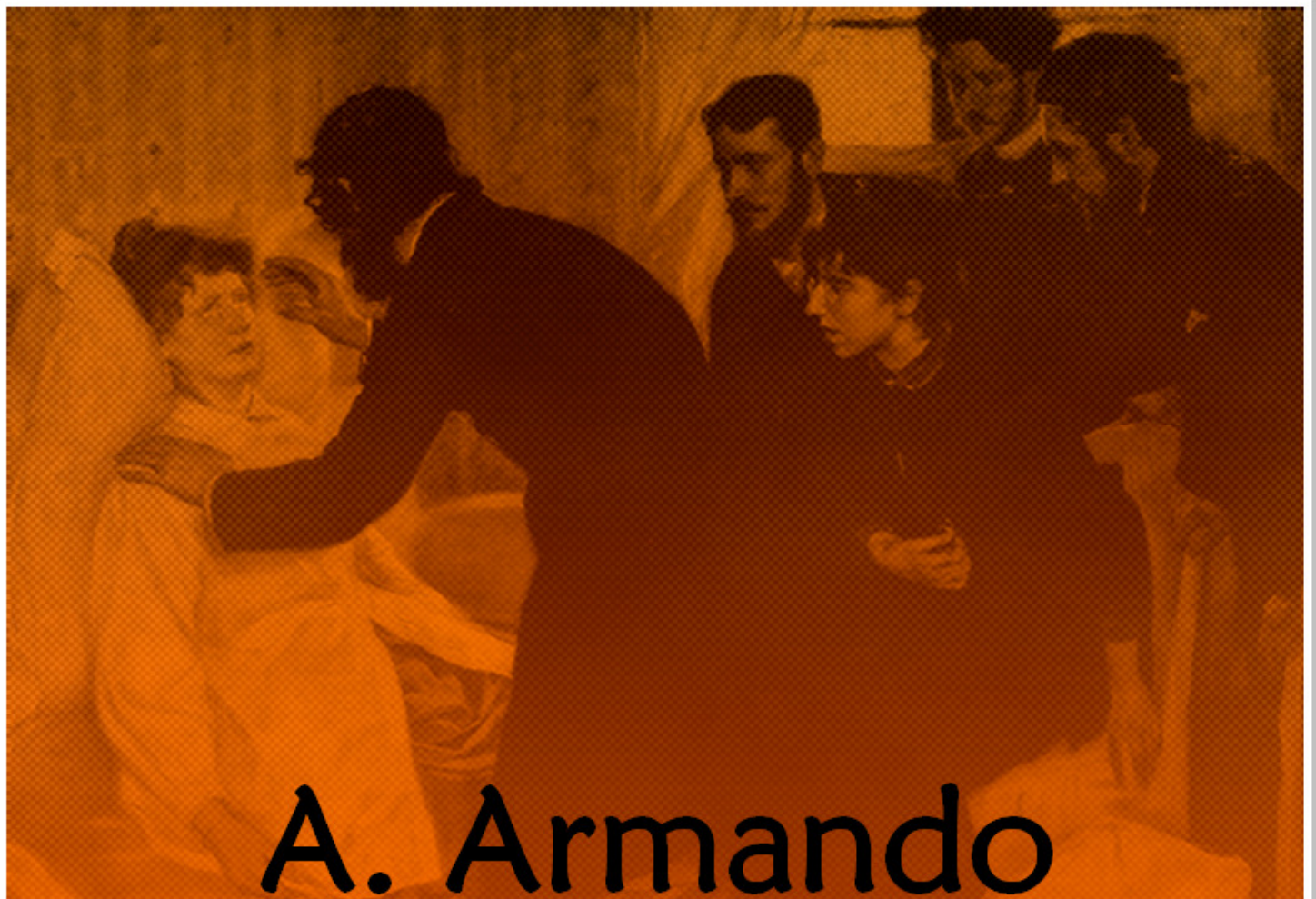
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



A. Armando

Efeitos do Hipnotismo



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Efeitos do Hipnotismo

A. Armando

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1891.

Capa: *Hypnotic Séance* (1887) - Richard Bergh.

Livro Digital nº 588 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

A. Armando

(?)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

EFEITOS DO HIPNOTISMO

COMÉDIA ORIGINAL EM UM ATO



Representada pela primeira vez no Teatro Recreativo da Lapa, em 27 de abril de 1890, e depois em outros teatros sempre com gerais aplausos.

PERSONAGENS:

VENCESLAU DAS NEVES

ELVIRA (sua filha)

FELISBERTO (estudante)

ANACLETO (ajudante de farmácia)

GERTRUDES (criada)

SIMPLÍCIO (criado)

UM GUARDA NOTURNO

Lisboa. — Atualidade.

ATO ÚNICO

Sala bem mobiliada em casa de Venceslau. É noite.

CENA I

Gertrudes e depois Simplício.

GERTRUDES (*arrumando os móveis*)

Como anda tudo em desarranjo! também não admira, parece que Rilhafoles se mudou cá para casa. O patrão com a mania do hipnotismo. Desde que fomos à Trindade ver a tal sessão, que não pensa em outra cousa. O Simplício, o criado, às contas com a música, constantemente de trombone na mão a atordoar-nos os ouvidos. A menina Elvira sempre triste e a chorar. O pai quer casá-la à força com o seu pupilo, um tal Felisberto que está a estudar em Coimbra, e tem, segundo diz o patrão, uma fortuna de mais de dez

contos de réis. A menina, porém, morre de amores pelo vizinho da farmácia, o senhor Anacleto, um excelente rapaz, muito inteligente e muito amável, mas que para o patrão tem um grande defeito: é pobre... (*Entra Simplício a tocar trombone, sem ver Gertrudes*) Ai! que susto que você me meteu!...

SIMPLÍCIO

Eu não lhe meti nada, menina *Gertrudes*!

GERTRUDES

Eu não digo! não larga nunca o trombone... Você não tomará juízo uma vez?...

SIMPLÍCIO

Ó menina *Gertrudes* não diga *arestas*... A música é o *incanto dai alma*... Vossemecê não conhece os grandes *maestros*, o Azul... ou o Azul, não... o Verde. O *Ofenbaca*... etc., e etc. É para chegar à altura deles que eu estudo de dia e de noite e vou todas as semanas dar lição com o mestre da filarmônica do Poço do Bispo. Quer a menina entrar também para a filarmônica do Poço do Bispo?...

GERTRUDES

Ora não seja tolo! Para o poço precisava você ir, mas era com uma pedra ao pescoço. Era melhor que você aprendesse a ler e a escrever para não fazer tantas asneiras quando vai às compras. Ainda hoje a menina lhe disse que trouxesse meio quilo de azeitonas de Elvas, e você trouxe das outras.

SIMPLÍCIO

Olha que grande cousa... Não havia na Praça azeitonas de Elvas e *truxeas* de outra terra... Se você não fosse dizer à menina já ela o não sabia... Parece-me que as azeitonas não trazem leteiro que diga se são de Elvas ou não...

GERTRUDES

Pois você não sabe, seu alarve, que as azeitonas de Elvas são verdes e as outras pretas?

SIMPLÍCIO (*muito espantado*)

Ah! são verdes!... então são parentas do grande *maestro*... ele também era verde...

GERTRUDES

Cale a boca e não diga mais tolices.

SIMPLÍCIO

Não me chame tolo, menina *Gertrudes*, olhe que eu afino!...

GERTRUDES

Aí vem a menina, para o fazer desafinar...

CENA II

Os mesmos e Elvira.

ELVIRA (*entrando*)

Estás aqui, Gertrudes, preciso falar-te. (*A Simplício*) Vai lá para dentro.

SIMPLÍCIO

Sim, senhora. (*À parte*) Vou ver se apanho o sol. (*Sai*)

ELVIRA

Sou muito infeliz, Gertrudes.

GERTRUDES

Seu pai continua a teimar no casamento com o pupilo?

ELVIRA

E ainda mais, agora como anda com a mania do hipnotismo, quer à viva força hipnotizar-nos a todos, e mandou vir o Felisberto para aqui passar as férias. Diz ele, que, como esse rapaz é estudante há de perceber alguma coisa de hipnotismo e poderá elucidá-lo sobre o modo de nos hipnotizar.

GERTRUDES

O patrão tem macaquinhos no sótão!

ELVIRA

Por mais que eu lhe diga que não amo esse rapaz, teima sempre em que hei de casar com ele.

GERTRUDES

E que há de a menina fazer?

ELVIRA

Era isso mesmo que eu vinha perguntar-te. Tu que me és tão dedicada, hás de descobrir um meio de me livrar desse maldito Felisberto.

GERTRUDES

Eu?... (*Pensando*) Ah! já sei! Diga-me uma coisa, o senhor Felisberto julga que a menina o ama e anui ao casamento, não é verdade?

ELVIRA

Sim, porque meu pai é quem dita as cartas e tem-me obrigado a dizer sempre o que não sinto e que o meu coração repele.

GERTRUDES

Muito bem, nesse caso, está tudo remediado...

ELVIRA

O quê, tens alguma ideia?

GERTRUDES

Mas uma ideia de alto lá com ela!

ELVIRA

Dize, dize depressa.

GERTRUDES

O pupilo de seu pai chega breve a Lisboa?

ELVIRA

Hoje mesmo, no comboio das 9 horas.

GERTRUDES

Perfeitamente, trata-se em primeiro lugar de conseguir que seja eu a primeira pessoa com quem ele fale.

ELVIRA

E depois?

GERTRUDES

E depois... é simples. Como ele é bastante simplório, apesar de ser estudante, eu facilmente o convencerei, que para se tornar mais agradável aos olhos do seu tutor, deve mostrar-se muito entendido na ciência do hipnotismo e dizer mesmo que é capaz de hipnotizar a menina...

ELVIRA (*com susto*)

A mim?

GERTRUDES

Sim, a menina ou qualquer outra pessoa.

ELVIRA

Mas não compreendo...

GERTRUDES

É fácil. O patrão fica muito contente com esta confissão, visto que atualmente todo ele é hipnotismo. Há de pedir ao pupilo que proceda a uma experiência. Ele, ainda aconselhado por mim, escolhe de preferência a menina para a experiência.

ELVIRA

Mas, eu...

GERTRUDES

Presta-se a isso, depois de mostrar uma certa hesitação. Ele começa a fazer uns certos gatimanhos... a menina adormece, ele julga que isto é para agradar ao senhor Venceslau...

ELVIRA

Mas...

GERTRUDES

Qual mas, nem meio mas; depois a menina continua a dormir... a fingir, já se sabe... e não acorda nem à mão de Deus Padre. O senhor Felisberto vê-se em maus lençóis para conseguir torná-la a si, a menina não cede... ainda mesmo que ele a assopre... dorme sempre... O patrão impacienta-se. Eu começo a fazer uma lamuria de mil diabos: — ai! a minha rica menina que fica hipnotizada para sempre! O patrão grita. O pupilo de seu pai arranca os cabelos... E quando todos estão no cumulo do desespero...

ELVIRA

Que fazes tu?...

GERTRUDES

Que faço?... Salvo a situação lembrando o senhor Anacleto, que é só quem pode salvar a menina, fazendo-a acordar...

ELVIRA

E Anacleto?...

GERTRUDES

O senhor Anacleto estará de combinação comigo e virá logo que o chamem, mostrando-se, é claro, um sábio em hipnotismo, depreciando o mais possível o tal senhor Felisberto... E, feito o milagre... porque a menina acordará logo que o senhor Anacleto lhe ordene... o patrão há de necessariamente consentir no seu casamento com aquele que a menina ama... repelindo com indignação o tal hipnotizador das dúzias!...

ELVIRA

Oh! mas isso tudo é muito arriscado... E se meu pai descobre que o iludimos?

GERTRUDES

Qual descobre, respondo pelo bom resultado de tudo.

ELVIRA

Vê lá, Gertrudes, em que te metes?...

GERTRUDES

Descanse que não há de haver novidade. Vou lá abaixo à botica prevenir o senhor Anacleto e volto depressa, porque o senhor Felisberto não deve tardar, e é forçoso que eu fale com ele primeiro que o patrão, aliás vai-se tudo quanto Marta fiou!... Até já.. (*Sai pelo fundo*)

CENA III

ELVIRA (*só*)

É uma excelente rapariga esta Gertrudes, oxalá que o seu estratagema dê bons resultados. (*Sai*)

CENA IV

VENCESLAU (*só, entrando a ler o Diário de Notícias*)

“E finalmente consegui fazer falar uma menina que era muda de nascença.” (*Fala*) É maravilhoso!... sublime!.. E não poder eu conseguir o mesmo... Também ainda não procedi a uma experiência séria. Minha filha não se quer prestar, a criada diz que se vai embora se eu teimar em hipnotizá-la... e quem diabo hei de eu hipnotizar?... Ah! se fosse no tempo da minha defunta esposa, que Deus lá tenha por muitos anos e bons sem a minha companhia! Ah! se fosse nesse tempo, hipnotizava-a a ela!

CENA V

O mesmo e Simplício.

SIMPLÍCIO (*entrando a tocar trombone sem reparar em Venceslau*)
Não consigo chegar ao sol!...

VENCESLAU
Hein! que é isso? Pois tu vens para aqui tocar trombone?...

SIMPLÍCIO (*cai de joelhos em frente de Venceslau, abraçado ao trombone*)
Ah! patrão, perdoe, mas como não estava aqui ninguém...

VENCESLAU
Então eu não sou ninguém, bruto?

SIMPLÍCIO
Bruto, sim senhor, patrão... é isso mesmo... é o que eu sou... eu devia tê-lo visto e não o vi... Mas que quer, a música... o trombone... tiram-me a vista dos olhos...

VENCESLAU
Vou pôr-te no andar da rua, não posso aturar-te mais, já toda a vizinhança se queixa do teu trombone...

SIMPLÍCIO
Oh! meu rico patrão, meu patrão rico, não faça o que diz, eu juro por esta... (*Quer fazer uma cruz com as mãos e deixa cair o trombone?*) Ai! O meu rico trombone... juro não tornar a tocar senão aos domingos quando forem dias santos...

VENCESLAU
Então os domingos não são sempre dias santos, estúpido?

SIMPLÍCIO
Para mim, não senhor; quando o patrão não me deixa sair são dias de semana...

VENCESLAU

Está bom, vai para casa do diabo... Cá estou a *serrar*

SIMPLÍCIO

Não sei onde mora...

VENCESLAU (*tendo uma ideia*)

Ah! espera aí. (*À parte*) E se eu o hipnotizasse a ele?... ah! que grande ideia... experimentemos... (*Alto a Simplício*) Tu queres que eu te perdoe e consinta que continues a tocar trombone?

SIMPLÍCIO

Se quero, o trombone, é o meu *incanto*...

VENCESLAU

Bem, então hás de fazer o que eu te mandar.

SIMPLÍCIO

Pronto, patrão, diga que eu cá estou.

VENCESLAU

Bem, senta-te aqui. (*Indica um fauteuil*)

SIMPLÍCIO

O quê? assentar-me na cara do patrão... isso é que não...

VENCESLAU

Senta-te aqui neste fauteuil, já te disse.

SIMPLÍCIO

Nesse *fotoi-lhe*... é que eu não *assento*... O *assento*...

VENCESLAU

Então, despeço-te.

SIMPLÍCIO

Despedir-me... isso nunca... *assento... assento...*

VENCESLAU

Vá, depressa. (*Simplício vai a sentar-se e cai no fauteuil*)

SIMPLÍCIO

Ih! como isto é mole!...

VENCESLAU

Agora, cerra os olhos.

SIMPLÍCIO

Cá estou a *serrar*. (*À parte*) Que demônio quer ele fazer?

VENCESLAU (*consigo*)

Está quase hipnotizado... Agora vou ver se me responde. (*Ao ouvido de Simplício*) De que gostas tu mais?

SIMPLÍCIO (*dando um salto?*)

Não me grite aos ouvidos, patrão, que eu não sou surdo.

VENCESLAU

Que alarve, é bruto até depois de hipnotizado!

SIMPLÍCIO

Qual *hipotismado* nem meio *hipotismado*... eu estou mas é assentado... assentado é que eu estou...

VENCESLAU

Calas-te ou não te calas?

SIMPLÍCIO

Bem, cá estou calado.

VENCESLAU

Vou provocar-lhe o sono hipnótico... agora... está quase a dormir...

(Neste momento Gertrudes entra e para a ver o que se passa)

CENA VI

Os mesmos e Gertrudes.

GERTRUDES *(à parte)*

Olá! o patrão a hipnotizar o Simplício... agora quero ver isto...

VENCESLAU

De que gostas tu mais?

SIMPLÍCIO

De tocar trombone...

(Gertrudes pega no trombone que Simplício tem deixado ao fundo em cima de uma cadeira, toca e sai rapidamente)

VENCESLAU e SIMPLÍCIO *(assustados)*

Ai! (Simplício, ao levantar-se bate com a cabeça na cara de Venceslau)

VENCESLAU

Irra, que me tiraste um olho!

SIMPLÍCIO *(correndo a pegar no trombone)*

Mas como demônio tocou o meu trombone?...

VENCESLAU

Como tocou? foi o hipnotismo... camelo!

SIMPLÍCIO *(admirado)*

Hein? pois o trombone tocou sem ninguém lhe tocar? É assombroso!... *(Tocam a campainha, Simplício dá um salto)* Ai!

VENCESLAU

Talvez seja o meu pupilo. *(A Simplício)* Vai abrir, e se for o senhor Felisberto, que chega de Coimbra, encaminha-o para aqui, e diz-lhe

que espere que eu vou preparar-me para o receber. (*Simplício não se mexe*) Então, tu vais ou não?

SIMPLÍCIO

Eu, não senhor.

VENCESLAU

Não vais, por quê?

SIMPLÍCIO

Pois o patrão não vê que é ainda o *hipotismo*...

(*Tocam outra vez*)

VENCESLAU (*correndo atrás de Simplício*)

Oh! Cavalos, vais ou não vais?

SIMPLÍCIO

Lá vou, patrão, lá vou abrir a porta ao *hipotismo*... (*À parte*)
Que *hipotismo* tão maçador! (*Sai*)

CENA VII

VENCESLAU (*só*)

Agora vou mudar de fato para receber o meu pupilo e futuro genro.
(*Sai*)

CENA VIII

Felisberto, Simplício, depois Gertrudes.

FELISBERTO (*falando com Simplício?*)

O meu tutor está bom?

SIMPLÍCIO

Um pouco *hipotismado*...

FELISBERTO

Hein?

SIMPLÍCIO

Olhe, aí vem a *Girtrudes* que pode explicar-lhe melhor. (*À parte*) Eu vou ver se apanho o sol. (*Sai*)

GERTRUDES (*entrando*)

Olha o senhor Felisberto por cá, então como passou?

FELISBERTO

Menos mal.

GERTRUDES

E os seus estudos, bem; aprovado nos exames?

FELISBERTO

Bem, bem aprovado... não... estive quase a sê-lo, mas afinal reprovaram-me.

GERTRUDES

Ih! como o patrão vai ficar zangado consigo!

FELISBERTO

Oh! mas é que eu não lhe digo a verdade, era o que faltava. Para ele me diminuir a mesada ou não me dar a mão da menina Elvira, que eu amo tanto.

GERTRUDES

Pois para conseguir isso tudo, precisa agradar muito ao patrão, aliás é capaz de dar o dito por não dito. E o senhor fica a chuchar no dedo a respeito de noiva...

FELISBERTO

Oh! hei de fazer todo o possível para agradar ao meu tutor. Principiarei por dizer-lhe que fui aprovado nos meus exames.

GERTRUDES

Isso não basta, é preciso muito mais.

FELISBERTO

Muito mais?

GERTRUDES

Sim, por exemplo: ser hipnotizador.

FELISBERTO (*admirado*)

Hein? Mas que diabo é isso, já há bocado o Simplício me disse que o meu tutor estava um pouco *hipotismado*!... Não percebo nada.

GERTRUDES

Pois o senhor não sabe que está em Lisboa um célebre doutor espanhol que dá sessões de hipnotismo no salão da Trindade?

FELISBERTO

E depois?

GERTRUDES

E depois o senhor Venceslau quis que nós fossemos com ele assistir ao tal hipnotismo e agora o verás, meteu-se-lhe aquilo na mioleira e não pensa noutra coisa. Já hipnotizou o Simplício e também me quis hipnotizar a mim, mas eu não consenti...

FELISBERTO

Mas que tem o meu casamento com o hipnotismo?

GERTRUDES

Tem tudo. Para agradar ao patrão, precisa mostrar-se hipnotizador, dizer que tem estudado muito sobre isso, que já tem feito experiências, e que está pronto a fazê-las diante do seu tutor, escolhendo até para objeto das suas experiências a menina Elvira.

FELISBERTO

Pois eu hei de fazer experiências com a minha noiva, diante do pai?...

GERTRUDES

Assim é preciso... se não quiser ver ir o casamento por água abaixo...

FELISBERTO

Oh! isso, jamais, em tempo algum... E a menina Elvira prestar-se-á à experiência?...

GERTRUDES

Se presta... se ela ama-o loucamente...

FELISBERTO

Loucamente! Oh! céus! que felicidade!

GERTRUDES

E foi ela até que se lembrou da experiência... O senhor Felisberto mandá-la-á sentar numa cadeira, começará a fixar os seus olhos nos dela, a apertar-lhe as mãos, em suma, imitará o melhor possível um hipnotizador verdadeiro... A menina finge-se adormecida e responderá a tudo que o senhor lhe perguntar.

FELISBERTO

E depois?

GERTRUDES

Depois o patrão fica muito contente e trata de casá-los o mais breve possível para possuir um genro hipnotizador.

FELISBERTO

És uma rapariga esperta.

GERTRUDES

Ora, isso são favores.

FELISBERTO

Crê que não te hás de arrepender em ter concorrido para a minha felicidade. Hei de gratificar-te bem em podendo dispor da herança de meu pai.

GERTRUDES

Eu não trabalho por interesse e só o que desejo é ver a menina Elvira muito feliz. Sinto passos. Talvez seja o patrão. É bom que não nos veja juntos, poderia desconfiar. Eu vou dizer à menina que está tudo combinado, e o senhor... hipnotize-a bem...

FELISBERTO

Descansa, não farei tolice.

GERTRUDES

Até logo. (*À parte, rindo*) É mais tolo do que eu pensava!... (*Sai*)

CENA IX

Felisberto (só), depois Venceslau.

FELISBERTO

Que mania tão esquisita a do meu tutor!... Oxalá que eu seja mais feliz com o hipnotismo do que fui com a matemática...

VENCESLAU (*entra*)

Oh! meu querido pupilo, como estimo ver-te em minha casa. Então chegaste bem? (*Abraça-o*)

FELISBERTO

Perfeitamente. E o meu estimável tutor está como parece? e sua filha continua a passar bem?

VENCESLAU

Todos de saúde. Mas, dize-me, como vais tu com os teus estudos? fizeste exame, saíste bem?

FELISBERTO (*atrapalhado*)

Sim, fiz três exames... e saí em todos...

VENCESLAU

Aprovado?...

FELISBERTO

Sim, foi isso mesmo. (*À parte*) Se ele percebe que minto!

VENCESLAU

Folgo imenso. Mas mudando de assunto, desejo interrogar-te sobre uma coisa que me tem feito andar a cabeça a razão de juros!

FELISBERTO (*à parte*)

Temos hipnotismo pela proa! (*Alto*) Fale, meu caro tutor.

VENCESLAU

Dize-me, nos teus estudos, por que tu hás de ter estudado muito para saíres aprovado em todos os exames?

FELISBERTO

Oh! muito, tinha noites em que não dormia... (*À parte*) Senão 9 horas!...

VENCESLAU

E nesses estudos não aprendeste nada sobre esse grande fenómeno incompreensível...

FELISBERTO

Qual fenómeno... o filoxera?

VENCESLAU

Não, o hipnotismo...

FELISBERTO

O hipnotismo, ora se tenho aprendido, e tenho-me até dedicado a um estudo especial sobre essa insondável ciência...

VENCESLAU (*muito admirado*)

Sim, é certo?

FELISBERTO

Tão certo como eu ter sido aprovado nos meus exames.

VENCESLAU

Oh! então não há nada mais certo. E já tens feito algumas experiências?

FELISBERTO

Imensas experiências.

VENCESLAU

E com bom resultado?

FELISBERTO

Ótimo, ótimo resultado... a ponto de causar o pasmo e a admiração dos meus colegas!

VENCESLAU (*abraçando-o*)

Oh! Felisberto! tu vens do céu aos trambolhões! Tu vais fazer-me um favor... um favor maior que o Pan-Tarântula...

FELISBERTO

Diga, diga, meu caro tutor, eu estou pronto para tudo.

VENCESLAU

Tu vais proceder a uma experiência na minha presença?

FELISBERTO

Oh! meu tutor da melhor vontade, tanto mais que isso é para mim a coisa mais fácil deste mundo. E diga-me, quem se presta às minhas experiências, é mesmo o meu tutor?

VENCESLAU

Eu não, eu quero ver acordado.

FELISBERTO

Então, quem há de ser?

VENCESLAU (*pensando*)

Eu sei.. o Simplício, talvez?

FELISBERTO

Não serve...

VENCESLAU

Não serve, por quê?

FELISBERTO

Tem a mania da música e a música não se dá com o hipnotismo...

VENCESLAU

Oh! nesse caso, só se for minha filha, porque a Gertrudes, essa não se presta... é muito esquiva, já o sei.

FELISBERTO

Pois seja sua filha... deve dar um excelente exemplar... Queira chamá-la...

VENCESLAU

Vou já... (*Pensando*) Mas ouve lá... a experiência à noite não terá perigo?... são mais de dez horas e talvez fosse melhor nos irmos deitar e deixarmos isso para amanhã depois de almoço...

FELISBERTO

A menina Elvira com a barriga cheia... o meu tutor não sabe o que diz... isso poderia ser-lhe fatal... E demais, à noite o sono vem sempre com mais facilidade... nada, deve ser agora e vou dispor tudo para isso.

VENCESLAU

Bem, assim o queres, seja agora; tu que és hipnotizador lá tens as tuas razões. Volto já. (*Sai*)

CENA X

Felisberto, depois Elvira e Venceslau.

FELISBERTO

Vou meter-me numa camisa de onze varas... eu que nunca li uma linha sobre hipnotismo... fazer-me assim de pé para a mão um sábio... E se a pequena adormece a valer... e eu não sou capaz de acordar... ora, qual história, se ela está de combinação e adormece a fingir... não há perigo algum... Ah! aí vem o meu tutor e a minha noiva. Vamos, coragem e atrevimento...

ELVIRA (*entra com o pai*)

Senhor Felisberto, como está?

FELISBERTO

Eu bem, e a senhora D. Elvira?

ELVIRA

Menos mal, (*troçando dele*) com muitas saudades suas!...

FELISBERTO

Oh! como sou feliz! (*Aperta as mãos de Elvira*)

VENCESLAU

Então, Felisberto, sempre estás disposto a dar uma sessão de hipnotismo?

FELISBERTO

Se isso é do agrado da minha noiva!

ELVIRA

Não sei bem, sempre tenho medo que haja perigo... Se o senhor me adormece para sempre?...

FELISBERTO

Oh! não receie... tenho estudado a fundo essa maravilhosa ciência e conheço-lhe todos os segredos... Posso fazer com que o sono lhe dure muito ou pouco, a meu belo prazer... (*À parte*) Isto é que é mentir...

ELVIRA

Oh! nesse caso, se o senhor responde pelo resultado, estou pronta a fazer a vontade a meu pai.

VENCESLAU

Sim, Felisberto é um rapaz estudioso e como se tem dedicado particularmente a este fenômeno, há de fazer tudo o que quiser.

FELISBERTO

Vamos então dar princípio. (*Coloca um fauteuil no meio da casa*) A menina aqui. (*Coloca outro a distância*) O meu tutor ali. Não há ninguém que queira assistir? São sempre convenientes os espectadores...

VENCESLAU

Só se for o Simplício e a Gertrudes?

FELISBERTO

Pois sim, que venham.

VENCESLAU (*chamando*)

Gertrudes! Simplício! (*Entram os dois, Simplício traz o trombone escondido atrás das costas*)

CENA XI

Os mesmos, Gertrudes e Simplício.

GERTRUDES (*baixo*)

O senhor chamou?

SIMPLÍCIO (*baixo*)

Foi o senhor ou o *hipotismo* que me chamou?

FELISBERTO

Sentem-se aqui muito calados (*Gertrudes senta-se. — A Simplício que fica em pé*) Não ouviste, senta-te.

SIMPLÍCIO

Nada, eu estou bem em pé, muito obrigado, não se incomode. (*Felisberto empurra Simplício para um fauteuil, Simplício cai e bate com as costas no trombone*) Ai! que lá arrombei o trombone...

FELISBERTO

Cala-te!

SIMPLÍCIO (*examinando o trombone*)

Mas é que custou...

FELISBERTO

Calas-te ou não?

SIMPLÍCIO (*continuando*)

Seis tostões...

FELISBERTO

Oh! falador!... (*Vai para bater-lhe*)

SIMPLÍCIO

Não bata, não bata... que o dar doe... Vou estar calado que nem um gato (*à parte*) em janeiro...

FELISBERTO

Bem, veremos. (*A Elvira*) Vou começar. (*Finge hipnotizar Elvira*) É um excelente exemplar, está quase, mesmo quase... Agora recomendo o máximo silêncio a todos os expectadores...

SIMPLÍCIO

Eu cá não digo nada...

VENCESLAU

Silêncio!

FELISBERTO

Qualquer indiscrição pode ser fatal... Está hipnotizada, queiram ver.

(Todos vão ver)

VENCESLAU

É maravilhoso!... hipnotizada tão rapidamente!...

SIMPLÍCIO

Talvez não dormisse bem de noite...

FELISBERTO

O que é a ignorância!... Vozes de burro não chegam ao céu!... Todos para os seus lugares... Agora vou obrigá-la a falar... *(Coloca-se à direita de Elvira)* Sabe quem está à sua direita?

ELVIRA

Sei...

FELISBERTO

Quem é?

ELVIRA

Um idiota!

SIMPLÍCIO

É o senhor Felisberto...

FELISBERTO *(um pouco atrapalhado)*

Cala-te, não percebeu bem. Vou perguntar outra vez. Perguntei quem estava à sua direita?

ELVIRA

Já disse, um idiota!...

FELISBERTO (*zangado*)

Hein? um idiota? (*À parte*) Que quer isto dizer?

VENCESLAU

Então, não te zangues, talvez os hipnotizados não lesem o Manual de Civilidade. Pergunta-lhe outra coisa; por exemplo: quantos exames fizeste e se saíste aprovado?

FELISBERTO (*com medo*)

Não sei se isso...

VENCESLAU

Pergunta, pergunta.

FELISBERTO (*contrafeito*)

Então lá vai. (*À parte*) Não sei o que sinto. (*Alto*) Sabe quantos exames eu fiz?

ELVIRA

Sei que fez três e ficou reprovado em todos...

FELISBERTO

Oh! é falso! (*À parte*) Como adivinhou ela?

VENCESLAU

Já vejo que continua a não atinar.

FELISBERTO (*muitíssimo atrapalhado*)

Não sei explicar...

VENCESLAU

Se me dás licença, agora vou eu interrogá-la...

FELISBERTO (*querendo opor-se*)

O melhor é terminar...

VENCESLAU

Não, só uma pergunta e nada mais. (*A Elvira*) Dize-me, sabes quem eu sou?

ELVIRA

É meu pai.

VENCESLAU

Oh! agora acertou. (*A Elvira*) E dize-me, que viste tu hoje de mais notável?

ELVIRA

O seu pupilo a beijar a Gertrudes!

VENCESLAU

Hein? Pois tu beijaste a minha criada?

FELISBERTO (*aflito*)

Eu não beijei nada... é falso... pode interrogar... (*Indica Gertrudes*)

GERTRUDES

Beijou, sim, senhor, e se eu não fujo tão depressa... não sei o que me faria mais...

FELISBERTO (*sem perceber nada*)

Oh! céus! que quer isto dizer?... não quero mais hipnotismo... acorde, Elvira... acorde...

VENCESLAU

Não se mexe...

FELISBERTO

Acorde... acorde...

VENCESLAU

Meu Deus! estou com medo!...

FELISBERTO

Então, acorda ou não? (*À parte a Elvira*) Para graça já basta...

GERTRUDES (*a chorar*)

Ai! ai! que a minha rica menina fica hipnotizada para sempre!...

FELISBERTO (*à parte*)

Valha-me Deus! Querem ver que a hipnotizei a valer? (*Alto*) Vão buscar um leque.

SIMPLÍCIO (*indo buscar um abano*)

Pronto. O leque do fogão.

FELISBERTO

Soprem todos... (*Ele abana Elvira, os outros sopram-lhe a cara*)

VENCESLAU (*a chorar*)

Ai! que matou a minha filha! Elvira! Elvira!

SIMPLÍCIO (*fazendo grande lamuria*)

Ih! ih! ih! *povre* menina... morrer *assentada* numa cadeira... que morte tão *afrontarosa*!...

FELISBERTO (*cada vez mais assustado?*)

Façam bulha, muita bulha, a ver se assim...

SIMPLÍCIO

Ah! quer bulha, então espere...

(*Toca trombone. Todos batem com as cadeiras e fazem toda a bulha possível*)

FELISBERTO

Toquem, toquem todos...

(Todos imitam diversos instrumentos, batem à porta do fundo)

VENCESLAU

Bateram. Vão abrir a ver se é alguém que salve a minha filha.

(Simplício vai abrir. Aparece um guarda noturno)

CENA XII

Os mesmos e o guarda noturno.

GUARDA

Que bulha é esta?... Os senhores estão doidos? Está a vizinhança toda alvoroçada!... Parece que se mudou para aqui alguma filarmônica...

VENCESLAU

Ai! Valha-me pelas chagas de Cristo!

GUARDA

Mas que foi, que foi? *(Vendo Elvira)* Uma mulher desmaiada?

VENCESLAU

Foi este estúpido do meu pupilo que hipnotizou minha filha... e agora não consegue acordá-la...

GUARDA

E que se há de fazer?

VENCESLAU

Eu não sei, não sei...

GERTRUDES *(à parte)*

É ocasião! *(Alto)* Sei eu...

VENCESLAU

Tu?...

GERTRUDES

Sim, eu... conheço quem é capaz de acordá-la num instante...

VENCESLAU

Mas corre, corre... Dou tudo pela vida de minha filha!...

GERTRUDES

Não é preciso correr muito, mesmo aqui da janela... (*Corre à janela*)
senhor Anacleto, senhor Anacleto, a menina está muito mal...

ANACLETO (*fora*)

Aí vou, aí vou já...

SIMPLÍCIO (*à parte*)

Então os *boticários* é que tiram o *hipotismo*?...

VENCESLAU

Mas quem é esse Anacleto?

GERTRUDES

O ajudante da farmácia cá debaixo, rapaz muito inteligente e... olhe, ele aí está...

CENA XIII

Os mesmos e Anacleto.

ANACLETO (*entra*)

Onde está a menina Elvira?

GERTRUDES

Ali, naquele fauteuil quase morta...

ANACLETO (*correndo a Elvira e tornando-lhe o pulso?*)

Ela está mas é hipnotizada... e quem foi o audacioso que a hipnotizou sem ter conhecimento algum desta maravilhosa ciência?

SIMPLÍCIO

O *audacioso* foi o senhor Felisberto (*indica-o*).

ANACLETO

O senhor?

FELISBERTO

Mas eu lhe explico...

ANACLETO

Não admito explicações... o que o senhor precisava era ir já para o Governo Civil...

GUARDA

E cá estou eu para o acompanhar...

VENCESLAU

Asseverou-me que conhecia a fundo a ciência do hipnotismo!...

ANACLETO

É inacreditável tanta audácia!...

FELISBERTO

Mas, eu, cumpre-me explicar-me...

ANACLETO

Cale-se, senhor, e deixe-me salvar esta infeliz menina que seria vítima da sua estupidez... se não me chamam tão depressa...

VENCESLAU (*alegre*)

Não há então perigo?

ANACLETO

Para mim não existem perigos... Posso fazê-la acordar em eu querendo... basta um pequeno sopro...

VENCESLAU

Veja se encontra outro meio, que isso de *sopros* não me *cheira*... (*Tapa o nariz*)

SIMPLÍCIO

Pois sim, sim, assopre-a e verá... eu até já a abanei, e ela nada.

FELISBERTO

Quem tem a culpa disto tudo... é... (*Vai para indicar Gertrudes*)

ANACLETO (*interrompendo-o*)

Cale-se, cale-se, se não quer que eu o hipnotize para sempre... como o senhor ia fazendo a esta menina...

VENCESLAU

Mas acorde-a, acorde-a, estou ansioso por ouvir minha filha...

ANACLETO

Já vai, já vai, primeiro quero proceder a uma pequena experiência para provar a esse charlatão que valho muito mais do que ele... (*A Elvira*) Diga-me, sabe quem a hipnotizou?

ELVIRA

Foi um parvo...

SIMPLÍCIO (*dando palmas*)

Muito bem, muito bem...

FELISBERTO (*querendo bater-lhe*)

Ah! atrevido... Mas, senhor Venceslau, repare que estão abusando...

VENCESLAU

Cale-se, já se lhe disse...

SIMPLÍCIO

Parece que é surdo!...

GUARDA

Talvez seja melhor levá-lo até à esquadra...

ANACLETO (*a Elvira*)

Agora, diga-me, quer casar com o parvo?...

ELVIRA (*fingindo-se assustada*)

Oh! nunca! nunca! Antes morrer!

ANACLETO

É extraordinário o pavor que lhe causa esse *alfenim*...

FELISBERTO (*correndo para ele*)

Senhor!

GUARDA (*detendo-o*)

Silêncio, quando não... (*Leva a mão à espada?*)

ANACLETO (*a Elvira*)

E com quem quer casar?

ELVIRA

Com aquele que conseguir acordar-me deste sono invencível!...

ANACLETO (*soprando-lhe a cara*)

Oh! acorde, então...

ELVIRA (*acordando rapidamente*)

Ah! aonde estou? aonde estou?

(*Todos aplaudem Anacleto, menos Felisberto*)

VENCESLAU

Nos meus braços, minha filha!... (*Abraça-a*)

ELVIRA

Meu pai! meu pai! (*Vendo Felisberto e fingindo um grande medo*) Oh! aquele homem! aquele homem quer-me mal...

FELISBERTO (*querendo explicar-se*)

Mas repare que eu...

ELVIRA (*fugindo dele*)

Não se chegue, não se chegue...

VENCESLAU

Sai daqui, sai daqui...

FELISBERTO

Não sairei sem uma explicação... Foi essa criada que...

VENCESLAU

Não quero explicações...

SIMPLÍCIO (*com importância*)

Nós não queremos explicações...

VENCESLAU (*ao guarda*)

Queira acompanhar esse rapaz ao hotel de Veneza e que lhe arranjem um quarto, aqui tem dinheiro para pagar esta noite, amanhã mando-o outra vez para Coimbra. (*Dá dinheiro ao guarda*)

FELISBERTO

Mas, meu tutor...

GUARDA

Homem, venha a bem, quando não... (*Empurra-o*)

SIMPLÍCIO (*empurrando-o*)

Cale-se e vá para Veneza...

(*Sai o guarda levando Felisberto aos empurrões*)

CENA XIV

Os mesmos, menos Felisberto e Guarda.

VENCESLAU

Enquanto ao senhor não sei como hei de pagar-lhe...

ANACLETO

Facilmente... Concedendo-me a mão de sua filha...

VENCESLAU

Ela... porém..

ELVIRA

Eu amo há muito este senhor...

VENCESLAU

Bem, seja, mas com uma condição...

ELVIRA e ANACLETO

Qual?

VENCESLAU

É que hão de ficar vivendo em minha casa... quero ter sempre um hipnotizador a meu lado...

ANACLETO

Está dito, havemos de fazer experiências em família...

VENCESLAU

E viva o hipnotismo!...

ANACLETO, ELVIRA e GERTRUDES

Viva!

SIMPLÍCIO

Um viva sem hino não vai bem... (*Começa a tocar o hino no trombone*)

VENCESLAU

Oh! descarado!... (*Vai para bater em Simplício*)

SIMPLÍCIO (*fazendo-lhe sinal que não bata, recita com valsa na orquestra*)

Não me bata, meu patrão

Peço por Nosso Senhor,

Que eu prometo ir aprender

A ser *hipotismador*.

Quero depois a *Girtrudes*,

Uma vez *hipotismar*

Pra ver se ela não acorda

Quando eu a for assoprar!...

E convido desde já

Com todo o patriotismo...

A virem aqui gozar

Essa sessão *d'hipotismo*...



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com